

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 7

FORTALEZA, 3 DE MAIO DE 1888.

## SUMMARIO

Expediente ;  
A formula psychologica  $x = \lg.y$   
—R. FARIAS BRITTO.  
O nosso progresso — ANTONIO BEZERRA.  
A' A. Bezerra—XAVIER DE CASTRO.  
Nessum maggior dolore... — A. N.  
Gostos — JOSÉ MARTINS.  
Impressões dispersas — MANOEL CEZAR.  
Romancite—DOMICIO DA GAMA.  
O luz de ouro — FRANÇOIS COUPPEE.

Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

Anno . . . . . 6\$000  
Semestre . . . . . 4\$000

Não se accitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 34

## A formula psychologica $x = \lg.y$

Lange estabeleceu o seguinte :

« Entre os ensaios mesquinhos de uma futura psychologia scientifica, se acha uma proposição que nos ensina que nos limites habituaes a sensação augmenta com o logarithmico da extação » E' a lei de Fechner que se costuma representar algebricamente pela formula  $x = \lg.y$ . Para que se tenha portanto uma idéa da moderna comprehensão dos phenomenos.

psychologicos, é indispensavel dar uma noção ainda que imperfeita da psychologia de Fechner, isto é, da psychophysica.

Nós apenas conhecemos sobre esta materia a obra de Ribot sobre a psychologia alemã contemporanea; não pode pois deixar de ser muito incompleto o presente trabalho, visto como apenas poderemos fazer o resumo de um resumo. Em todo o caso ser-nos-á util, não somente fazendo-nos ver questões da maior importancia, mas ainda encaminhando-nos para a solução de um problema que temos em vista estudar com perseverança.

Antes de tudo convem observar que uma cousa caracteriza os trabalhos psychologicos de Fechner; é a ausencia de toda e qualquer hypothese metaphisica. « Nas suas buscas, diz elle, só se ligam ao lado phenomenal do mundo phisico e do mundo psychico, isto é, ao que nos é dado immediatamente pela percepção interna ou externa ou ao que pode ser concluido dos phenomenos; em uma palavra : estudamos o que é phisico como o fazem a phisica e a chimica, e estudamos o que é psychico como o faz a psychologia experimental, sem procurar debaixo dos phenomenos a essencial alma ou do corpo como o faz a metaphisica. » Se algum principio serve de base a suas doutrinas, é o mes-

mo que proclamam os representantes da eschola experimentalista de Inglaterra:— « a opposição entre o corpo e o espirito não vem senão de uma differença de ponto de vista : o que de facto é uno, parece duplo. » E' assim que Fechner estabelece: « O que do ponto de vista exterior te parece teu espirito, o espirito que tu és, do ponto de vista exterior te parece o *substratum* do corpo deste espirito. » Por outra, para empregarmos a expressão de Herbert Spencer e Bain, o corpo é sob o ponto de vista objectivo a mesma cousa que o espirito sob o ponto de vista subjectivo.

Vejamos agora em que consiste a psychophysica.

« Eu entendo por psychophysica, diz Fechner, uma theoria exacta das relações entre o corpo e a alma e de uma maneira mais geral entre o mundo phisico e o mundo psychico. » As sciencias objectivas, isto é aquellas que têm por objecto a natureza exterior, desde muito, formularam suas leis de modo regular e uniforme e formando por assim dizer uma esphera dentro da qual podem livremente girar, acham-se « em via de progresso continuo. » Não acontece, porem, o mesmo ás sciencias do espirito, creadas quasi exclusivamente pela imaginação e inteiramente sem fundamento na realidade. E' preciso reagir contra a influ-

encia das velhas doutrinas que a logica da experiencia ja condemnou, e tratar com todas as forças de dar um direcção regular ao estudo dos phenomenos subjectivos : e para isto é preciso começar estudando as relações entre o subjecto e o objecto. Tal é o problema que constitue o objecto da psychophysica : vejamos como foi explorado por Fechner.

Ja antes de Fechner, Weber havia observado que comparando-se duas linhas quasi iguaes, a menor differença que se pode perceber entre ellas é sempre cerca de  $1/50$  da menor; assim tambem a menor differença perceptivel entre dous pesos varia de  $1/30$  a  $1/50$  segundo os individuos qualquer que seja o peso inicial. Generalizando estas observações Weber chegou a conclusão de que as sensações crescem de quantidades iguaes quando as excitações crescem de quantidades relativamente iguaes » E' a mesma lei formulada por Delbœuf, desta outra maneira : « A menor differença perceptivel entre duas excitações da mesma natureza é sempre devida a uma differença real que cresce proporcionalmente a estas mesmas excitações. »

Taes foram os elementos que serviram de base aos trabalhos de Fechner : foi d'ahi que Fechner partiu para se propor a solução do seguinte problema; achar um meio de medir as sensações.

Sem duvida bastará esta simples exposição para que muita gente se revolte, como se tratasse, nada mais, nada menos que de aniquilar o mundo. Medir as sensações, dirão, medir as sensações, como se as sensações fossem uma cousa phisica, material,

e susceptivel de ser medida ! Onde iremos parar se chegarmos a ser adoptadas semelhantes doutrinas ?

Em verdade é extremamente estranhavel o procedimento de certas pessoas, alias pertencentes a uma escola que acima de tudo colloca o principio da tolerancia. Affastam-se inteiramente do espirito fundamental das doutrinas de que se fazem propagadores e revoltam-se de uma maneira injustificavel contra qualquer idéa que não se harmonise com os seus sentimentos, ou antes com os seus interesses. Pouco importa que esta idéa seja apresentada de boa fé e unicamente por amor da verdade. Traz o cunho da demolição, é uma novidade que vae de encontro ás ideas bebidas no berço : deve morrer. E' uma tempestade que se levanta : deve ser cuidadosamente cortada como uma invasão do inferno.

Homens de pouca fé, porque tendes medo ? Pensaes que exista algum poder capaz de sobrepuzar a verdade ? Pensaes que uma falsa doutrina possa embaraçar de maneira invencivel a marcha natural de espirito, que o erro tenha poder para transformar a humanidade e o mundo ? Onde está a providencia que admittis ?

Aqui não se admite a providencia, mas tem-se a convicção de que o mundo é regulado por leis immutaveis e portanto que tudo terá de ir inevitavelmente a seus fins em virtude da marcha necessaria das cousas.

Convencidos da nossa fraqueza, deixamo-nos arrastar pela onda que sobe, sem tentar reagir alem dos limites de nossas forças. Conheçamos as difficuldodes enormes

que nos rodeiam e estamos perfeitamente convencidos da insignificancia dos nos recursos.

Sentimos que o espirito gira dentro de uma cadeia de ferro cujos limites não pode absolutamente romper.

Comtudo não temos medo. Estamos ligados á natureza e não podemos de modo algum dominar-a, sentindo que uma corrente invisivel porem soberana nos arrasta para um ponto desconhecido.

Quando, como Prometheu, procuramos elevar-nos ao espaço afim de roubar o fogo do ceo, uma força invencivel nos prende as agruras da rocha. Todavia temos coragem. A par de nossa fraqueza temos consciencia de que participamos da essencia do mundo e de que por consequencia, como elle, somos tambem immortaes.

Mas vós porque tendes medo ? Receiaes perder o vosso guia moral, temeis que se destrua uma concepção social que consideraes a mais bella, que até agora tem sido a fortaleza de vossas almas, o alimento de vossas consciencias ? Homens de pouca fé, o ideal a que se dirige o espirito humano, vae sempre subindo. Depois de uma crença vem outra, e cada conquista realisada no dominio do pensamento é o ponto de partida para uma conquista mais elevada. O espirito não pára. Receiar que a sociedade pereça a máingua de ideal é desconhecer a natureza do espirito. O espirito não cança e como o mundo de que é a manifestação subjectiva, é inesgotavel e eterno.

Voltemos porém á nossa questão,

Tratando de resolver o se-

guinte problema : achar um meio para medir as sensações. Todas sabem qual é a condição necessária para que se possa medir um objecto qualquer. Mede-se um objecto comparando-o com outro da mesma natureza e de valor conhecido : é este ultimo que em linguagem mathematica se chama unidade. O resultado da comparação é que determina o valor ou a quantidade da grandesa. No caso das sensações o que antes de tudo se faz necessario, é descobrir um objecto que possa ser comparado com ellas. isto é, que possa servir-lhes de medida ou unidade. Fechner descobriu esse objecto : é a excitação.

Sabe-se que toda a sensação é um phenomeno nervoso, mas esse phenomeno nervoso não poderá ter logar sem uma causa exterior que o produza : é a essa causa exterior a que sedá o nome de excitação. A sensação deve augmentar ou diminuir de intensidade conforme o grau de movimento exterior que serviu-lhe de causa ; é evidente, por exemplo, que um pequeno ponto luminoso não poderá produzir a mesma sensação visual que um incendio. Em que relação porem deve a sensação augmentar ? Tal é a questão.

Convem antes de tudo notar que ha uma diferença fundamental entre a medida das extensões e a medida dos factos psychicos. Nas extensões o effeito serve para medida da causa; nos factos psychicos, porem, é a causa que serve para medir o effeito.

Fechner submette a uma apreciação minuciosa todas as ordens de sensações, as sensações de peso, de esforço muscular, de temperatura, de

luz etc.. São tres os methodos de observação em relação a essa materia : o methodo das menores diferenças perceptíveis, o methodo dos casos verdadeiros e falsos e o methodo dos erros medios.

O primeiro methodo consiste em observar quando se torna perceptivel a diferença de intensidade entre duas sensações da mesma natureza. Exemplo; tem-se o peso  $a$  e o peso  $b$ ; admittindo-se que esses dous pesos são iguaes, as sensações por elles produzidas são tambem iguaes. Augmentando-se um dos dous pesos de uma quantidade muito pequena, ainda não se notará diferença. Qual o ponto de onde se começa a sentir a diferença ? Eis o que procura saber a psychophysica. E' o mesmo em relação a todas as outras ordens de sensações.

O segundo methodo consiste em considerar duas sensações da mesma natureza quasi no mesmo grau de intensidade. Pode o observador enganar-se; e sendo por exemplo  $a < b$ , pode acontecer, si a diferença é muito pequena, que elle supponha  $b < a$ . É evidente que quanto maior for a diferença menor será o numero de erros. Obtem-se assim pela comparação de duas sensações da mesma natureza uma relação constante.

O terceiro methodo finalmente consiste em determinar por meio da balança um peso qualquer e buscar depois sem a balança e só pela sensação um outro que lhe pareça igual. Em geral o segundo caso differe do primeiro de uma diferença que varia conforme o grau de sensibilidade de cada um e que tambem determina a menor diferença perceptivel entre duas sensações. Obtem-se assim sommando os erros positivos e os erros ne-

gativos, e devidindo o total pelo numero de tentativas, o erro medio.

« Estes tres methodos, diz Fechner, se completam e levam por caminhos diferentes aos mesmos resultados. O primeiro serve para determinar a menor diferença perceptivel. O segundo dá diferenças que excedem a menor diferença perceptivel caindo ora nos casos verdadeiros, ora nos falsos). O terceiro dá as diferenças que estão acima. »

R. FARIAS BRITTO

(Continúa)

## O NOSSO PROGRESSO

Cerca de vinte annos atraz mais ou menos, poucos, bem poucos dos nossos compatricios, residentes na provincia, se dedicavam a estudos de litteratura, e ainda menos a especulações scientificas.

E' certo que para aqui regressavam alguns bacharelizados pela academia do Recife, mas estes quando muito faziam do direito o alvo de suas locubrações, impellidos pela necessidade de salientarem-se na advocacia, si antes, preferindo a carreira da magistratura, não iam para o interior depreciar-se pela indolencia e identificar-se mesmo com a ignorancia dos seus jurisdicionados.

Apezar da invariabilidade desta regra, de quando em vez surgia aqui ou alli uma nobilissima excepção.

Quanto aos outros, os que não tinham a sagração academica, mas despunham de aptidão para as letras, definhavam à mingua destimulo, eu dedia antes mais acertadamente, do aprego de entendidos em assumpto tão elevado, e bem cedo descoroçados deixavam-se levar na onda invasora.

Só um ou outro mais pertinaz dava de quando em quando signal de vida na imprensa, mas sempre despercebidamente.

Eu que do Rio e S. Paulo trouxera um pouquinho dessa ancia de saber, communicada pela convivencia de talentosos condiscipulos, tive de ceder ante a indifferença geral, máu grado o desesperado esforço que empreguei para congraçar os poucos que liam, pode-se assim dizer

O mal era geral.

Com Juvenal Galeno, José de Barcellos, Catão Mamede e Dr. Augusto

Barbosa, em cuja casa nos reuniamos aos domingos, tentamos e vimos com tristeza avultarem as dificuldades na criação de um jornal litterario, que servisse de centro, onde se agremiassem os moços intelligentes e com disposições para as letras.

Não se encontrava assignantes e muito menos leitores.

Recorremos a idea de fundação de uma bibliotheca e a bibliotheca teve a sorte do jornal.

Como ultimo recurso lembrou um dos companheiros a vantagem de instituir-se uma associação, com o fim de serem discutidas theses sobre diversos assumptos, o que foi bem accedido; mas não chegou a realisar-se por falta de frequentadores, e, como devia acontecer, despersaram-se os associados cada um para o seu lado.

Não obstante esse menosprezo aos productos da intelligencia, eu enviava por vezes, quando me apertavam as saudades do tempo de estudante, algumas folhas para o *Cearense*, e de tudo quanto escrevi, me lembro que uma unica vez encorajou-me a proseguir o Sr. major João Brígido.

Isso no decurso de 1868.

O nosso desenvolvimento intellectual era pois ainda bem insignificante, e se media então pelos artigos dos jornaes politicos quasi sempre eivados de exaggeração partidaria.

Das horas desoccupadas que deixava a faina jornalística aproveitavam-se no entanto o senador Pompeu, o major João Brígido e o Dr. Soares para se applicarem aos estudos de geographia, historia da provincia e lingua vernacula, de que chegaram a publicar livros interessantes, cujos trabalhos não tiveram, como ainda não tem, o devido apreço.

Nisso consistia todo o nosso subsidio ás letras patrias, quando pelo decurso de 1872 regressou a esta capital o estudante R. A. Rocha Lima, que vinha pedir ao clero reparação da saúde alterada nos excessos do estudo.

O moço cearense trazia erudição superior a sua idade, e espirito illuminado aos exultadores da sciencia moderna, avidez insaciavel de devassar os mais difficeis problemas do saber humano, e cheio de confiança no futuro, visto como dentro em pouco recobrará sua debil constituição o confortativo vigor, fez da casa de sua residencia o ponto de reunião para onde affluíam os que despuñham de talento e sentiam-se attrahidos pelo desejo de instruir-se.

Não faltaram adhesões; a seu lado tinham assento o Dr. Thomaz Pompeu Filho, João Capistrano, João Lopes, Araribe Junior, Benjamim Moura, Dr. Mello, Felino e outros, todos moços e não menos enthusias-

tas, que propagaram a supremacia das ideas novas, que ainda não tinham curso entre nós.

Eram os membros da Academia Franceza, como no seio da intimidade se denominavam.

Das discussões passaram ao ensino publico e fundaram a *Escola Popular*, escola nocturna frequentada com grande animação por pobres e operarios.

A's conferencias que então ahi faziam os directores, oppozeram conferencias os velhos catholicos na escola do 2.º grau.

Travou-se luta renhida na imprensa entre a *Tribuna Catholica* e a *Fraternidade*, e si bem que tivesse sido desesperada a resistencia empregada para deter a invasão do ensino livre, triumphou este afinal, augmentando de dia em dia o numero dos adeptos, que vinham participar das vantagens dos vencedores.

Começa-se daqui por diante a notar uma certa orientação nos estudos, que embora vagarosamente e tendo pela frente a indifferença dos ignorantes, se divulgou até 1877, quando a catastrophe da secca, que atrophiou as forças vivas da provincia, trouxe a debandada dos mais valorosos propagadores do nosso desenvolvimento litterario bem fraco por certo ainda.

Rocha Lima já descançava a sombra da morte, mas o seu espirito parece que havia ficado a animar aos que lhe succediam no empenho da lide começada.

Diversos jornaesinhos, redigidos por moços estudiosos, surgiam à luz da publicidade para cederem o logar a outros mais uteis e mais adiantados.

Ricos fructos desse tempo são a fundação do *Gabinete de Leitura* e reforma da instrucção publica, que atiraram incontestavelmente para além a mira das aspirações.

Com o apparecimento da *Sociedade Cearense Libertadora* em 1880, que fez olvidar os estragos da secca pela soffreguidão de que se achavam os consocios possuidos para debellarem o inimigo commum — a escravidão, ninguém pensou mais nos resentimentos despertados por esta ou aquella doutrina, e todos animados do mesmo sentimento, do mesmo zelo, da mesma energia, desdobrando aos quatro ventos a bandeira branca da confraternisação universal, vieram ensaiar as armas de combate nas paginas do *Libertador*, orgam daquella sociedade, que tornou-se em breve uma escola de patriotismo e instrucção.

Abundaram ahi os bons escriptos litterarios, como retemperou-se o ardor dos lutadores de encontro a enraigados preconceitos e ardil do governo.

Quem tinha aptidão, era logo convidado para vir auxiliar a obra da nobilitação da provincia, já com o seu

denodo, já com os encantos da sua intelligencia.

Quatro annos depois, quando entre nós já não existiam escravos, mas todos os homens eram eguaes e com o mesmo direito de estremecerem esta terra, tanto mais infeliz quanto mais amada, alegrava-se a gente de assistir com certa ufania a formação por assim dizer do nosso progresso material e intellectual.

O *Libertador* foi e continua a ser o campo de acção das nossas mais arrojadas operações, pelo que avantejou-se aos demais jornaes politicos na sobrançeria com que enfrenta as mais graves questões da actualidade. Chegou mesmo a fazer valer sua opinião quasi sempre consentanea com as mais seguidas das terras adiantadas.

Os auctores das excellentes publicações que possuímos, tiveram ahi a sua apprendisagem, pois que quasi todos os que se applicam hoje com afincos trabalhos de litteratura ou investigações scientificas aperfeiçoaram-se nesta escola ou se orientaram estimulados por habeis companheiros.

O *Club Litterario*, sociedade mais elevada, que se distingue pela maior somma de conhecimentos dos seus associados em diversos assumptos do saber humano, compõe-se em sua maioria dos redactores e collaboradores do *Libertador*.

Progrredimos, e a prova está na coadjuvação que à *Quinzena* prestam diversas senhoras com os seus bem elaborados trabalhos em prosa e em verso. Outras mais avidas de renome estudam sciencias naturaes e discorrem com habilidade sobre a materia.

Não são somente os laureados no estudo que trazem o seu contingente de instrucção para o jornal, não; já alguns empregados publicos e empregados do commercio aproveitam as horas desoccupadas e auxiliam aquelles na santa cruzada com o consencio valioso do seu penna e seu talento.

Por toda a parte se fundam sociedades com o fim de propagar o ensino entre os socios; possuiue esta capital magnificas bibliothecas particulares, em cujas estantes se encontram os livros mais valiosos e mais modernos da sciencia europea, e não faltam amadores que sondam-lhe os segredos com a avidez de um avaro.

Têm aqui varios assignantes os jornaes estrangeiros, que não importa sejam escriptos em francez, inglez, italiano, allemão etc com tanto que divulguem as descobertas modernas, sobretudo da anthropologia, de cuja solução pendem os mais importantes problemas sobre o homem.

Ao mutismo de outr'ora succede lisongeira tendencia para as publicações.

Sabemos que mais de um livro curioso pelos assumptos de que trata, se prepara para vir a lume, e isso é signal bem pronunciado do nosso adiantamento.

Sobre as publicações já conhecidas avulta a *Revista do Instituto do Ceará*, cuja leitura é sufficiente para attestar o nosso progresso, e realzado o programma daquella associação, que já vae tendo satisfactoria execução, não desmereceremos de hobrear com outras capitães mais illustres e mais adiantadas apesar de não despormos dos recursos que lhes sobejam.

Si não possuímos litteratura nossa, temos todavia em elaboração diversos trabalhos que mais tarde, repellido as formas acceitas, segundo a tendencia geral, hão de dar em resultado tornar-nos uma excepção no paiz, como a Hungria o é no meio da Europa.

A vista, pois, da feição progressiva que se nota, não só nas letras mas nas artes, e até no trabalho material, não receiamos dizer que temos muita fé no futuro do Ceará, tão novo e tão viril relativamente a outras provincias doadas com as riquezas da natureza.

ANTONIO BEZERRA.

A. A. BEZERRA

...  
 Não sei porque razão inda me riol  
 Não sei porque minh'alma inda se alegra  
 — Eu devia chorar, viver sombrio  
 Sob a caligem d'essa noite negra  
 Que cobre o infeliz!...  
 Mas ha em mim um não sei que que diz  
 — Uma esperança, uma crença dos amores, —  
 Que a taça amargurada dessas dores,  
 Entornando-se toda até'o fim,  
 Hade voltar-me a santa flicidade  
 Desses dias de pura mocidade.  
 — As doces illusões virão a mim!

XAVIER DE CASTRO

### Nessum maggior dolore...

A' triste luz de pobre candieiro  
 Ella trabalha. Ao branco astro radioso  
 Um grupo de creanças gracioso  
 Pula brincando alegre no terreiro.

Ella scisma no tempo tão fagueiro  
 Do seu amor... e o olhar volve saudoso  
 Para o passado alegre e venturoso

Q' desfaz-se qual sonho passageiro.

E veio-lhe ao coração fugaz tristeza  
 Aó ver todo o horror, toda a pobreza  
 Da vida, e da fortuna o negro azar!...

Massu'alma inda abriga a crença pura  
 N'um futuro que vê só de ventura  
 Dos loiros filhos no divino olhar.

A. N.

## GOSTOS

Uns gostam de ouvir da tarde  
 as harmonias eolias  
 que a mansa brisa desprende  
 na haste das magnolias,

Outros a voz magestosa  
 do sino grave, solemne  
 que ecoa nas serranias  
 como um gemido perenne.

Aquelles dos passarinhos  
 amam o canto ridente  
 quando desponta a manhã  
 das cortinas do oriente;

Estes o doce gemer  
 da meiga pomba no ninho  
 quando pranteia saudades  
 do tenro, amado filhinho.

Gostam da calma profunda  
 dos dias quentes brumosos,  
 do retumbar das procellas  
 nos alcantis cavernosos;

Ou dos clarões fugidios  
 que rasgam da noite o manto;  
 ou do luar que se esplende  
 sobre um dorel d'amianto.

Das promessas amorosas,  
 dos beijos assucarados  
 de uns labios breves, macios  
 uns labios aveludados;

De uns olhos grandes, azues  
 de deslumbrante fulgor,  
 de uns seios que se dilatam  
 nas ardencias do amor.

Todos mais ou menos tem,  
 na vida um gosto qualquer;  
 ou seja da flor do prado,  
 ou seja d'uma mulher.

Eu, no entanto, indifferente,  
 de nada posso gostar,  
 que os dissabores da vida  
 gastaram-me o paladar.

Que me importa a mansa brisa,  
 o sol altivo, brilhante,  
 a lua, os astros, o céu,  
 a voz do sino distante?

Que me importam as mulheres  
 com seus mentidos olhares  
 e os beijos que vão morrer  
 nas taças dos lupanares?

Ha uma cousa, porém,  
 —misto de amor e innocencia,  
 a quem consagrei' minh'alma,  
 a quem dei minh'existencia...

Doce encanto, meiga aurora,  
 argentea luz da manhã  
 —é um sorriso feliz  
 dos labios de minha irmã.

88.

JOSÉ MARTINS.

## Impressões dispersas

I

Chegado da rua, exanime de fadiga, offegante, sentara-se em uma cadeira de cipó, ao lado de uma meizinha de pinho envernizada de preto, sobre a qual espalmava-se um maço de jornaes, sob um montão de livros.

O gaz derramava uma luz viva e penetrante por todos os moveis desordenados, empanados pela poeira e pela roupa cahida do cabido pregado a uma das paredes do quarto.

A noite avançava triste, silenciosa, para seutermo, e elle, immobilizado no meio daquella desordem, lançava para tudo que o rodeava um olhar embotado, um olhar de bohemio evidentemente—blasé—, quando sae de um baile pavoroso e louco...

De repente ouvia-se pelos ares vir roncando a chuva que parecia um mar se desprendendo das nuvens e logo cahia interrompendo o silencio profundo da cidade.

O vento estirava-se ameaçadoramente por cima dos telhados e batiava com força nas fachadas das cazas, cujos postigos se abriam e se fechavam de repente.

Naquella posição de reconhecido bohemio sentio renascerem-lhe todas as tristezas, todas as alegrias preteritas.

E n'um instante teve uma recordação bem viva, bem fortalecente dos dias que passou longe da cidade, na roborança infinitamente boa do campo.

E como se ainda lá estivesse, poz-se a ver todas aquellas casinhas de de palha edificadas em ambas as margens da estrada que desce n'um declive sensível, serpeante, até perto de uma cruz velha, e segue por uma verde planura ao lado de um riacho que corre murmurante sobre pedrinhas alvadias, transluzentes no fundo das aguas.

Não longe das casinhas de palha via tambem, construida perpendicularmente sobre paredões de pedras, uma casa de telha com um jardim de um lado, e do outro uma leira que se estende até perto de um lago dormente, onde se reflectem todas as arvores crescidas nas margens.

Pouco distaute do mesmo lago via agora uma mangueira pujantemente frondosa, donde todos os dias sae, por entre as ondulações suaves das verdes folhas, n'um chilreamento festivo, bom, agradável, um bando de passaros que esvoaçam pelos ares em caracões sadios e esthetisantes.

Na frente da casa lhe estava também presente um rapaz alto, magro, de ceroulas arregaçadas até os joelhos, chapéo de palha de grandes abas caídas sobre os olhos, corneteando n'um enorme buzio para chamar ao almoço os trabalhadores mettidos na bastida do matto.

E estes, suarentos, offegantes, desciam ligeiros as ladeiras empinadas e tortuosas, trazendo ao hombro suas fouces, suas enxadas que eram então as suas armas favoritas, inseparaveis na lucta, no combate travado contra a natureza estupidamente rija do solo...

Momentos depois esvaia-se a visão do campo. O rapaz lia agora com sofreguidão um livro de capa amarella, que dormia sobre a mezinha de pinho.

Já nem se lembrava mais das casinhas de palha, em cujo terraço dançara uma noite de luar, ao som da viola, da voz dos cantadores que o louvavam, ao contacto quente das apanhadoras de café; nem também da frondosa mangueira, nem do lago que se cobria de folhas seccas caídas das arvores.

E no meio de toda aquella desordem do quarto o rapaz lia com a nevrose de perfeito bohemio, experimentando sensações deliciosas, roborantes, sadias, excitadas pelo estylo pinturesco e palpitante de Maupassant, no conto «As irmans Rondoli»...

MANOEL CEZAR.

## ROMANCITE

Anda aqui no Rio um alvoroço litterario que se exprimirá em innumerables romances.

Digo innumerables, porque já passam de vinte os annunciados na roda em que todos mais ou menos se conhecem. E é preciso crer que mesmo fóra da roda, também ha quem pense e tenha ardores e tenha juventude ociosa, tanto que, apesar das deserções e das promoções frequentes, os cloros das fileiras dos litteratos militantes são sem-

pre enchidos. São os irregulares que vem adextrar-se sob a disciplina dos veteranos e aprender a manobra sob as vistas dos chefes, que galardoam e punem. Como para admissão agora é exigido pelo menos um romance, muito romance deve estar em fabricação para as proximas matriculas.

Não façamos caso d'esses primeiras provas condicionaes, que são como as theses de doutorando, raramente honrosas para os candidatos. O trabalho dos que já tem galões e honras é bastante significativo como caso de estudo para quem analysa entusiasmo friamente.

Nós também temos como as nações civilisadas poetas que fazem versos e poetas que fazem prosa. Em pequeno numero, é certo; mas temos. Somente entre nós a variedade maior cabe aos versejadores. São elles os capazes de fazer poemas em um verso—pasmosos! e poemas em tres mil—illegiveis... Os prosadores, não. Sonham com um Charpentier fluminense que os infleira a todos em volumes de trezentas paginas sob a monotonia das capas amarellas, a la moda de Paris.

Estas concretisação uniforme da aspiração poetica, que teria de ser variadissima, si independente fosse e não disciplinada, é um signal caracteristico dos tempos. Já houve tempo em que a mocidade heroica se expandia em golpes de espada e cantos de amor. Havia a monotonia da animalidade dominante. A exuberancia da seiva juvenil tinha os seus escoamentos naturaes. E, purgado o animal dos seus elementos explosivos, restava o homem

capaz. Seria esse então o poeta, o Dante, o Camões ou o Cervantes—a reflexão apoz a acção.

A incapacidade para a acção atira-nos para a contemplação. E o invalido idealisa as batalhas em que entrou. Mas que batalhas pode contar quem nasceu invalido? Que amores pode cantar quem se consome impotente? A vida corre-lhe silenciosa e apathica, lugubrememente. Em outros. porem, á seiva vital transformada em purulencia desabrocha em romances, que são como a florescencia da sanie. Dá-se então um facto que se estudará na historia litteraria depois de estudo na pathologia cerebral a morbidez particular, individual, toma a feição geral, dominante e affecta a forma epidemica.

Reina agora, gravissima, a romancite devastadora.

DOMICIO DA GAMA

D'A Semana

## O LUIZ DE OURO

(CONTO DO NATAL)

Traduzido para A Quinzena

Quando Luciano de Hem viu seu ultimo bilhete de cem francos passar para as mãos avidas do banqueiro e levantou-se da mesa da rolêta onde acabava de perder o resto de sua pequena fortuna reunida com tanto esforço e fadiga, experimentou uma vertigem e pensou que ia cair.

Com a cabeça perturbada, as pernas enfraquecidas atirou-se sobre a larga banquetta de couro que rodeava a mesa de jogo. Durante alguns minutos olhou vagamente a

espelunca em que gastára os mais bellos annos de sua mocidade, reconheceu as cabeças dos jogadores á luz dos tres grandes *abat jour*, escutou o tinido do ouro sobre o tapete, e pensando que estava arruinado, perdido, lembrou-se que tinha em casa em uma gaveta da commoda as pistolas com as que seu pae, simples capitão, servira tão bem no ataque de Zaatcha, depois exausto de fadiga adormeceu profundamente.

Quando pareceu despertar e olhou a pendula viu que dormira apenas meia hora e sentiu a necessidade imperiosa de respirar o ar da noite.

Os ponteiros marcavam meia noite menos um quarto. Luciano lembrou-se que era vespera do Natal e por um jogo ironico de memoria recordou-se do tempo de creança em que guardava antes de deitar-se os sapatos na chaminé afim de que Jesus depozesse nelles um presente.

N'este momento o velho Dronoki assistente da epelunca, o classico polonez, aproximou-se de Luciano e disse-lhe algumas palavras em vós baixa.

—Empreste-me cinco francos, senhor.

Ha dois dias não saio de casa e ha dois dias tambem o 17 não sahiu. Zombe de mim si quizer, porem darei a mão a cortar si o numero não sahir immediatamente.

Luciano encolheu os hombros; não tinha na bolsa com que pagar o imposto que os frequentadores do logar chamavam os cem soldos do Polonez, passou á antecamara, pôz o chapéo e desceu febrilmente a escada.

A neve cahira abundantemente e a rua—uma rua de Paris estreita e de casas altas estava totalmente embranque-

cida. No céu de um azul profundo scintillavam palidamente as estrelas.

● jogador derrotado estremeceu e continuou a caminhar ruminando no espirito idéas de desespero e pensando sempre na caixa de pistolas que o esperava em casa.

Depois de ter andado muito deteve-se bruscamente deante de um espectáculo devéras contristador.

Sobre um banco de pedra collocado segundo o uso antigo junto da porta monumental de um hotel uma menina de 6 a 7 annos trazendo apenas um vestido preto em farrapos estava deitada sobre a neve.

Adormecêra alli apezar do frio cruel em uma attitude penivel de fadiga e sua cabeceira e a espada delicada estavam quasi occultas no angulo do muro e repousavam sobre a pedra gelada.

Um dos sapatos lhe cahira do pé e jazia lugubrememente defronte della.

Com um gesto machinal Luciano de Hem levou a mão á algibeira; porem lembrou-se de que alguns instantes antes não achára uma unica moeda e não tinha podido dar uma gorgeta ao rapaz da espelunca.

Entretanto levado por um sentimento de piedade aproximou-se da menina e ia levá-la nos braços para dar-lhe asilo durante a noite quando dentro do sapato cahido sobre a neve viu uma cousa brilhante. Era um luiz de ouro!

Sem duvida uma pessoa caridosa, uma mulher talvez tinha passado alli e vendo este calçado deante da menina adormecida recordou-se da tocante legenda do Natal e deixou discretamente esta magnifica esmola para que

a pequena abandonada acreditasse ainda nos presentes feitos pelo menino Jesus e conservasse em sua infelicidade alguma esperanza na bondade da Providencia.

Um luiz trazia muitos dias de repouso e riqueza para a mendiga e Luciano estava quasi a acordá-la para dar-lhe a bôa nova, quando ouviu bem perto como em delirio a voz do Bolonez que lhe dizia:

« O 17 não sahiu, e eu daria a mão a cortar si o numero não sahir immediatamente.

Então este moço de 23 annos que descendia de uma familia de pessoas honestas, que tinha um soberbo nome militar e nunca transgredira os preceitos da honra concebeu um pensamento espantoso, teve um desejo louco, hysterico monstruoso.

Certificou-se de que estava bem só e dobrando o joelho avançou com precaução a mão tremula e roubou o luiz de ouro á pobre mendiga.

Depois correndo com todas as forças voltou á casa do jogo, subiu ligeiro á escada, empurrou bruscamente a porta da sala maldita e penetrou nella justamente quando a pendula toava a primeira vibração da meia noite, collocou a moeda de ouro sobre o panno verde e gritou:

—Em cheio sobre o 17.

O 17 ganhou.

Luciano atirou os 36 luizes sobre o vermelho, o vermelho ganhou.

Deixou os 62 luizes sobre a mesma côr e ganhou de novo.

Continuou a jogar com a mesma felicidade. Tinha deante de si em poucos momentos um monte de ouro.

Todas as combinações do jogo tiveram resultado esplen-

dida; era uma fortuna desconhecida, sobrenatural.

Dir-se-hia que a bola de marfim saltitando nas casas da roleta estava magnetizada, fascinada pelo olhar desse jogador e lhe obedecia cegamente.

Luciano recuperara em uma dezena de lances os miseráveis bilhetes de mil francos que tinha perdido no começo do jogo, ainda mais reconstituía sua fortuna.

Em seu afan de jogar não deixára a pesada pellucia, e já havia enchido os bolsos de moedas de ouro; não sabendo onde guardar seu enorme ganho enchia também os bolsos do collete, da calça, o porta-cigarros, o lenço, tudo emfim que lhe podia servir de recipiente.

Jogava sempre ganhando como um furioso, como ebrio, e lançava os punhados de luizes sobre a mesa com um gesto de desdem e certeza.

Sentia comtudo um ferro em brasa queimar-lhe o coração quando pensava na mendiga adormecida sobre a neve, a pobre creança a quem elle roubara o luiz de ouro.

Ella estaria ainda no mesmo logar? dizia consigo.

Certamente devia estar.

Quando soar uma hora sahirei d'aqui, irei buscal a, levá-la-hei em meus braços para minha casa, hei de amal-a e educal-a como filha e não a abandonarei nunca.

Mas a pendula soou uma hora, um quarto, meia hora, 3 quartos, e Luciano conservava-se sentado á banca infernal.

Emfim um minuto antes de duas horas o chefe da partida da levantou-se bruscamente e disse em alta voz:

— E' bastante por hoje, senhores.

De um pulo Luciano levantou-se, affastou os jogadores

que o olhavam com invejosa admiração e sahiu vivamente.

Chegou a correr ao banco de pedra.

De longe ao clarão de um bico de gaz elle avistou a menina.

— Deus seja louvado, disse, ella ainda está alli.

Approximou-se mais e tomou-lhe a mão.

— Oh! como ella está fria! Pobre pequena!

Tomou-a nos braços e ergueu-a para carregal-a. A cabeça da creança pendeu sem que ella despertasse.

— Como se dorme n'esta idade!

Estreitou-a contra o peito para aquecel-a, e tomado de uma vaga inquietação, afim de acordal-a desse pesado somno, beijou-a nos olhos como faria á sua amante mais querida.

Então viu com terror que as palpebras da menina estavam entreabertas e mostravam a meio as pupillas embaciadas e immoveis.

Passou-lhe pelo cerebro uma terrivel suspeita, e chegando a bocca á da menina, não sentiu o menor sopro.

Emquanto que com o luiz de ouro que elle roubáro tinha ganho uma fortuna, a creança sem asylo morrera de frio!

Preso de horrivel angustia, Luciano quiz soltar um grito, e com o esforço que fez acordou do pesadello sobre a banquetta em que adormecera pouco antes da meia noite, e onde o servente da espelunca o deixára tranquillo por um sentimento de compaixão.

Uma aurora brumosa de dezembro reflectia se pallidamente nos vidros das janellas.

Luciano sahiu da casa do jogo, empenhou o relógio, almoçou e foi ao escriptorio do recrutamento assignar um contracto como voluntario no

primeiro regimento de caçadores d'Africa.

Hoje é tenente, vive do soldo, é um bom official e nunca mais tocou em uma carta.

Parece mesmo que achou meios de fazer economias, porque outro dia em Alger um de seus camaradas que o seguia em uma rua estreita de Kasba, viu-o dar e-mola a uma pequena hespanhola adormecida junto a uma porta.

Desejando saber o que Luciano dera á pobresinha, ficou sorprendido em extremo.

Elle dera á mendiga um luiz de ouro!

FRANÇOIS COPPÉE.

## ANNUNCIOS

### J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

#### JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos  
Comram sempre ouro velho e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

### Pharmácia Albano

#### GRANDE DEPOSITO DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA— DA BOA-VISTA 63

### Motta Vieira & C.<sup>a</sup>

88—Major Facundo—88  
FORTALEZA

Importadores e exportadores